



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO**

ANTONIO BATISTA FELIX FILHO
DÉBORAH TAMARA CHAVES MORAIS
LETÍCIA FARIAS DE AQUINO

**DOCUMENTÁRIO NOME PRÓPRIO: VOZES E IDENTIDADES
DAS MULHERES DE PRESOS DE ITAITINGA**

RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO DO PRODUTO

FORTALEZA
2025

ANTONIO BATISTA FELIX FILHO
DÉBORAH TAMARA CHAVES MORAIS
LETÍCIA FARIAS DE AQUINO

DOCUMENTÁRIO NOME PRÓPRIO: VOZES E IDENTIDADES
DAS MULHERES DE PRESOS DE ITAITINGA

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de
Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial para obtenção do Título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Kamila Bossato Fernandes

FORTALEZA
2025

ANTONIO BATISTA FELIX FILHO
DÉBORAH TAMARA CHAVES MORAIS
LETÍCIA FARIAS DE AQUINO

DOCUMENTÁRIO NOME PRÓPRIO: VOZES E IDENTIDADES
DAS MULHERES DE PRESOS DE ITAITINGA

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de
Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial para obtenção do Título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Kamila Bossato Fernandes

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Kamila Bossato Fernandes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^o. Dr. Robson da Silva Braga
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Erilene Firmino da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA
2025

AGRADECIMENTOS

De Antonio Felix

Agradeço à minha família, que, mesmo em meio ao incerto, conseguiu ser alicerce.

À minha mãe, Madalena, com quem aprendi que a vida é uma caminhada e que esteve ao meu lado a cada passo.

À Ayla, meu “mini grude”, que diariamente sussurra em meus ouvidos uma esperança para o futuro.

Aos meus amigos, a família que a vida me deu.

À Déborah e Letícia, com quem divido estas páginas e inúmeras histórias. Vocês tornaram essa jornada mais significativa.

Ao Roni, que me mostra que amor é verbo e que o tempo é generoso.

A todos os professores que me ensinaram que a educação transforma.

E a mim, por seguir caminhando. Essa conquista é nossa.

De Déborah Moraes

Agradeço à Déborah de 2016 que falhou na sua tentativa de desistir da vida e, num instante de sanidade entre a depressão e a ansiedade, decidiu largar a vida vazia e desesperançosa de Cariré rumo a uma nova vida em Fortaleza.

Agradeço à Déborah de 2019 que falhou mais uma vez em desistir da vida e lembrou da garotinha de 7 anos - antes dos abusos - que sonhava ser jornalista, escritora e poliglota e viu no ENEM a grande chance de reescrever sua história.

Agradeço à Déborah de 2020 que parou de tentar desistir da vida quando conheceu o amor verdadeiro através da sua cachorrinha Zoe e viu nesse serzinho o maior motivo para continuar a viver.

Agradeço à Déborah de 2021, que enfrentou a síndrome do pânico e a fobia social e conseguiu ir para sua primeira aula presencial no jornalismo e lá encontrou o melhor amigo que alguém poderia ter na vida.

Agradeço à Déborah de 2022, 2023 e 2024 por continuar aqui neste mundo, pela Zoe e por seu amor pelo jornalismo.

Sem vocês, a Déborah de 2025 jamais teria chegado tão longe nessa vida.

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter sido muitas vezes o alicerce, por ter me dado força em todos os momentos dessa caminhada.

À minha mãe, que sempre esteve ao meu lado, me dando suporte em tudo que precisei. Junto a ela, minha tia Ana e minha prima Carol, que também foram essenciais nessa trajetória.

À minha filha, que transformou minha vida e minha forma de enxergar o mundo. Sem dúvida, ela é uma das grandes responsáveis por eu estar onde estou hoje.

À minha tia Edna, que me marcou de uma maneira especial. Nunca esquecerei que, assim que passei na universidade, no Natal da nossa família, ela me presenteou com um planner, algo que eu desejava há muito tempo e me exaltou diante de todos por ter conquistado uma vaga em uma universidade pública.

A toda a minha família, que em diferentes momentos foi meu suporte, especialmente no período do meu acidente e da minha gravidez.

Aos meus amigos, que foram essenciais nessa caminhada, oferecendo apoio, escuta e ajuda quando mais precisei. Um agradecimento especial a Déborah e Antonio, que estiveram ao meu lado nesse projeto tão importante.

À nossa orientadora, Kamila, que foi incrível desde o primeiro momento, sempre nos guiando com paciência e dedicação. Ao Roni, que contribuiu muito com esse processo, acompanhando e auxiliando nas entrevistas e deslocamentos.

Aos professores que demonstraram empatia e me auxiliaram, principalmente no período pós-gravidez.

E, por fim, agradeço até mesmo às pessoas que duvidaram de mim ou desejaram meu fracasso. De alguma forma, elas também me deram forças para provar que eu conseguiria chegar até aqui.

Foram muitos altos e baixos, momentos bons e ruins, mas cada experiência contribuiu para moldar quem eu sou hoje.

E, para encerrar, o agradecimento mais especial: a mim mesma. Porque lutei, perseverei, acreditei e corri atrás.

RESUMO

O presente relatório aborda o processo de produção de um documentário jornalístico audiovisual que retrata a vida de mulheres que se relacionam com homens que cumprem penas em presídios de Itaitinga (CE). Para explorar essa temática, foi necessário refletir sobre a realidade do sistema prisional brasileiro, marcado por superlotação, desigualdades sociais e violações de direitos humanos, bem como sobre os impactos do encarceramento nas famílias, especialmente nas mulheres que assumem o papel de cuidadoras e provedoras. O documentário busca mostrar a voz dessas mulheres, frequentemente invisibilizadas e estigmatizadas pela sociedade, destacando suas histórias de vida, subjetividades e identidades.

A pesquisa analisa o papel do jornalismo de defesa (advocacy journalism) na visibilização dessas questões, observando uma crescente ascensão do tema na imprensa e nas redes sociais. Por meio de entrevistas com três mulheres que vivenciam essa realidade e do acompanhamento das visitas ao sistema prisional do Ceará, o trabalho evidencia os desafios emocionais, físicos e sociais enfrentados por elas. Além disso, o estudo propõe uma reflexão crítica sobre a necessidade de políticas públicas mais eficazes, que garantam condições dignas de cumprimento de pena e promovam a ressocialização dos presos, bem como o apoio às famílias afetadas pelo encarceramento.

Palavras-chave: sistema carcerário, mulher de preso, gênero, identidade, documentário

ABSTRACT

This report addresses the production process of an audiovisual journalistic documentary that portrays the lives of women in relationships with men serving sentences in prisons in Itaitinga, Ceará (CE). To explore this theme, it was necessary to reflect on the reality of the Brazilian prison system, marked by overcrowding, social inequalities, and human rights violations, as well as the impacts of incarceration on families, particularly on women who assume the roles of caregivers and providers. The documentary seeks to give voice to these women, who are often marginalized and stigmatized by society, emphasizing their life stories, subjectivities, and identities.

The research examines the role of advocacy journalism in bringing visibility to these issues, noting the growing prominence of the topic in the press and on social media. Through interviews with three women who experience this reality and by accompanying visits to the prison system in Ceará, the work highlights the emotional, physical, and social challenges faced by these women. Furthermore, the study proposes a critical reflection on the need for more effective public policies that ensure dignified conditions for serving sentences, promote the rehabilitation of inmates, and provide support to families affected by incarceration.

Keywords: prison system, prisoner's partner, gender, identity, documentary.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 OBJETO.....	11
3 OBJETIVOS.....	12
3.1 Objetivo geral.....	12
3.2 Objetivos específicos.....	12
4 PROBLEMA DE PESQUISA.....	13
5 JUSTIFICATIVA.....	13
6 CONTEXTO.....	14
6.1 Predominância feminina como visitantes de encarcerados.....	14
6.2. Ascensão do tema na imprensa e redes sociais.....	15
7 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
7.1 Jornalismo de defesa (advocacy journalism).....	16
8 METODOLOGIA.....	17
8.1 Abordagem documental.....	17
8.2 Escolha do nome do documentário.....	18
8.3 Produção.....	19
8.4 Visitas e Gravações	20
8.4.1 Entrevistas com Jamilla.....	20
8.4.2 Entrevistas com Rebeka.....	21
8.4.3 Entrevistas com Paula.....	21
8.5 Aspectos técnicos.....	22
8.5.1 Armazenamento.....	23
9 APURAÇÃO.....	23
9.1 Fontes.....	23
9.1.1 Fontes Personagens.....	23
9.1.1.1 Primeira Fonte	24
9.1.1.2 Segunda Fonte	24
9.1.1.3 Terceira Fonte	24
9.1.2 Fontes Oficiais.....	25
9.2 Locais das entrevistas.....	26
9.3 Imagens de apoio.....	26
10 ESTRUTURA DO ROTEIRO.....	26

11 EDIÇÃO/PÓS-PRODUÇÃO.....	33
12 IDENTIDADE VISUAL.....	34
12.1 Tipografia.....	34
12.2 Paleta de cores.....	35
12.3 Grafismos e <i>lettering</i>	36
13 FOTOGRAFIA.....	38
14 TRILHA SONORA.....	38
15 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
16 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Em 2024, o Brasil registrou um total de 852.010 pessoas encarceradas, representando um aumento de 2,4% em relação a 2022, conforme dados da 18ª edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2024). Um dado alarmante revela que 1 a cada 4 presos ainda aguarda julgamento, o que contribui significativamente para a superlotação do sistema carcerário nacional.

No estado do Ceará, os dados da Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização (SAP) indicam que, em fevereiro de 2025, havia 22.686 pessoas privadas de liberdade. A superlotação é particularmente crítica em unidades como a UP Itaitinga 3, que, com capacidade para 952 presos, abriga 1.627 detentos, resultando em um excedente de aproximadamente 71% (SAP, 2025). Essa realidade reforça a urgência de políticas públicas voltadas para a redução da superlotação, a garantia de condições dignas de cumprimento de pena e a ampliação de alternativas ao encarceramento, como penas restritivas de direitos e programas de ressocialização.

O sistema prisional brasileiro, ao longo da história, tem sido negligenciado pelo Estado, que falha em implementar políticas públicas eficazes para assegurar a reintegração social dos presos. Como destaca Wolf (2009 apud Leal, 2011), “vivemos numa crescente tendência da penalização das questões sociais, numa tentativa de fazer com que o controle social repressivo dê respostas à ausência ou enfraquecimento do Estado no âmbito das políticas sociais”. Essa crítica reflete a realidade de um sistema que prioriza a construção de novos presídios em detrimento da implementação de medidas socioeducativas e de garantia de direitos fundamentais.

Dentro desse contexto, este trabalho tem como objetivo mostrar a dinâmica do sistema prisional brasileiro e cearense sob a perspectiva das mulheres que mantêm relações afetivas com pessoas privadas de liberdade, ao retratar suas histórias por meio de um documentário jornalístico audiovisual. O objetivo geral é mostrar como essas mulheres vivenciam e enfrentam os desafios da visita e da manutenção de vínculos com seus companheiros encarcerados. Para isso, foram analisadas questões como o tempo de espera, os rituais de preparação e os impactos emocionais e físicos que essas experiências impõem a elas.

A relevância desta produção jornalística se justifica pelo crescimento da população carcerária e pela predominância feminina no papel de visitantes de presos. A metodologia

utilizada se baseou na produção de um documentário jornalístico audiovisual intitulado “Nome Próprio”, construído a partir de pesquisas documentais, entrevistas e do acompanhamento do dia-a-dia de mulheres que possuem experiência direta com o sistema prisional. Este trabalho se encaixa no que se concebe como jornalismo de defesa (advocacy journalism), que busca dar voz a grupos marginalizados para evidenciar questões sociais pouco exploradas pela grande mídia. O processo de produção inclui a escolha do nome do documentário, a captação de imagens, a edição e a elaboração de uma identidade visual coerente com a temática abordada.

Dessa forma, o presente relatório busca contribuir esmiuçar de que maneira foi realizado o documentário “Nome Próprio”, o qual, por sua vez, buscou evidenciar as vivências das mulheres que, por causa do amor, se relacionam com o sistema prisional, destacando seus desafios e resiliência, além de propor reflexões sobre o impacto do sistema prisional na vida dos familiares dos encarcerados.

2 OBJETO

No contexto das dinâmicas sociais e das relações de gênero que permeiam a realidade das mulheres que possuem familiares encarcerados, o presente trabalho buscou abordar as experiências vividas pelas mulheres de presos de Itaitinga, destacando suas histórias de vida, subjetividades e identidades. A escolha desse grupo como foco do documentário intitulado Nome Próprio - Vozes e Identidades das Mulheres de Presos de Itaitinga foi motivada pela necessidade de dar visibilidade a essas mulheres, frequentemente invisibilizadas e estigmatizadas pela sociedade, que as associa indiretamente à criminalidade. Como destaca Prestes (2019, p. 14), “todavia, esquece-se de comentar que os familiares de presos também são vítimas do mesmo sistema que encarcera em massa, sendo, juntamente aos seus entes, deixados à margem de políticas públicas. Dentre esses familiares, estão as mulheres, que são as mais afetadas pelas mazelas de um cárcere invisível, que só quem o vive tem condições de descrever”.

O documentário tem como objeto central a exploração das narrativas dessas mulheres, que enfrentam desafios cotidianos relacionados ao preconceito, à marginalização e à sobrecarga emocional e financeira decorrentes da prisão de seus familiares. A partir de suas vozes, busca-se compreender como elas reconstroem suas identidades e subjetividades em um contexto marcado pela exclusão social e pela violência simbólica.

A abordagem proposta pelo documentário permite não apenas dar visibilidade à voz dessas mulheres, mas também problematizar as estruturas sociais que perpetuam sua invisibilidade e estigmatização. Ao trazer à tona suas histórias, o trabalho contribui para a reflexão sobre as intersecções entre gênero, justiça e desigualdade social, oferecendo uma perspectiva crítica sobre os impactos do encarceramento nas famílias e, em especial, nas mulheres que sustentam os laços afetivos e sociais em meio à adversidade.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Produzir um documentário jornalístico longa-metragem que explore e analise as histórias de vida, subjetividades e identidades das mulheres de presos de Itaitinga, destacando os desafios enfrentados por elas em um contexto de estigmatização social e exclusão.

3.2 Objetivos Específicos

- Retratar o cotidiano de mulheres que possuem familiares encarcerados, evidenciando as dificuldades emocionais, financeiras e sociais que enfrentam;
- Dar visibilidade à voz dessas mulheres, permitindo que compartilhem suas experiências, lutas e estratégias de resistência em meio à marginalização;
- Analisar os impactos do encarceramento nas dinâmicas familiares e comunitárias, com foco no papel dessas mulheres na manutenção dos laços afetivos e sociais;
- Investigar como o estigma associado à criminalidade afeta a identidade e a autoestima dessas mulheres, bem como suas relações com a sociedade;
- Promover uma reflexão crítica sobre as intersecções entre gênero, justiça e desigualdade social, a partir das narrativas das mulheres de presos;
- Coletar e apresentar dados qualitativos que ilustrem as transformações nas vidas dessas mulheres após o encarceramento de seus familiares, destacando suas lutas por reconhecimento e dignidade.

4 PROBLEMA DE PESQUISA

A pergunta que deu origem a esse documentário foi “quem são as mulheres de presos de Itaitinga e como elas reconstroem suas identidades em um contexto de estigmatização e exclusão social?”. Como destaca Prestes (2019, p. 14), “a importância da presente pesquisa reside justamente na publicização da fala de personagens que são constantemente estigmatizadas e, ao mesmo tempo, silenciadas pela sociedade e pelo Estado, muito embora possuam infinita importância no processo de reinserção do detento no convívio social”. Essa invisibilidade é ainda mais preocupante quando consideramos que, para cada pessoa encarcerada no Brasil – hoje mais de 850.000, segundo a 18ª edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública –, há pelo menos outra pessoa, geralmente uma mulher, que sofre indiretamente as consequências emocionais, sociais e financeiras do cárcere.

Com base nessa rede de desigualdades, o Estado e a sociedade legitimam a invisibilização e a estigmatização dessas mulheres, negando-lhes o direito à voz e ao reconhecimento. Segundo Goffman (1975) e Melo (2000 apud Prestes, 2019, p. 39), o estigma é uma relação entre atributos e estereótipos que leva ao afastamento social e à despersonalização do indivíduo, que passa a ser visto apenas como representação de características negativas associadas ao seu grupo. Nesse contexto, o documentário busca questionar: como as mulheres de presos de Itaitinga ressignificam suas vidas e identidades em meio à adversidade? Quais são os impactos do encarceramento em suas subjetividades e relações sociais? E, finalmente, como podemos romper com o ciclo de silêncio e exclusão que envolve essas mulheres?

5 JUSTIFICATIVA

Ao elucidar as experiências e os desafios enfrentados pelas mulheres de presos de Itaitinga, com ênfase nos impactos sociais e subjetivos decorrentes do encarceramento de seus familiares, a presente proposta encontra respaldo na pouca quantidade de pesquisas e materiais dedicados especificamente a essa temática.

Num contexto em que as mulheres de presos veem suas vidas profundamente afetadas pelo estigma social, pela exclusão e pela falta de políticas públicas que considerem suas necessidades específicas, o documentário se configura como um instrumento crucial para dar visibilidade a essas mulheres e fortalecer as reivindicações por justiça social e reconhecimento. A invisibilidade dessas mulheres no debate público e acadêmico reflete uma

lacuna que precisa ser preenchida, especialmente em um país com altos índices de encarceramento e desigualdades sociais marcantes.

A produção deste documentário justifica-se, portanto, pela necessidade de ampliar o debate sobre os impactos do encarceramento nas famílias, com foco nas mulheres que assumem o papel de cuidadoras e provedoras. Ao mostrar a voz dessas mulheres, o trabalho busca não apenas documentar suas histórias, mas também contribuir para a reflexão crítica sobre as estruturas sociais que perpetuam sua marginalização. Além disso, o documentário visa fomentar a discussão sobre políticas públicas que promovam a inclusão e a dignidade dessas mulheres.

6 CONTEXTO

6.1 Predominância de mulheres como visitantes de encarcerados

No contexto do sistema prisional cearense, as visitas desempenham um papel fundamental na manutenção dos vínculos familiares e no apoio emocional aos detentos. Conforme destacado em entrevista concedida a este documentário pelo deputado estadual e advogado Renato Roseno, presidente da Comissão de Direitos Humanos e Cidadania (CDHC) da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (ALECE), os dados da comissão evidenciam que as mulheres representam a maioria entre os visitantes de encarcerados no estado, incluindo esposas, mães e filhas de detentos.

No Ceará, as visitas nas unidades prisionais ocorrem a cada 15 dias, conforme regulamentação da Secretaria da Administração Penitenciária (SAP). No entanto, o ato de visitar um ente querido encarcerado é marcado por inúmeros obstáculos: dificuldades para retirar a senha de visita, filas extensas sob sol ou chuva, banheiros inadequados ou inexistentes, e a rigidez dos procedimentos de revista tornam as visitas cansativas e humilhantes, como relatado por algumas mulheres de presos em nossa primeira visita à Unidade Prisional de Itaitinga.

Além dos desafios logísticos, essas mulheres enfrentam o peso do estigma social. Ser companheira, mãe ou filha de um preso é, frequentemente, motivo para julgamentos e discriminação na sociedade. O preconceito que recai sobre o preso se estende a quem o acompanha, transformando o ato de visitar em um fardo social. Como destaca Prestes (2019, p. 53), “os familiares – sobretudo, as mulheres – de presos, muito embora sejam partes intimamente ligadas à reinserção do indivíduo no contexto social, são as que também mais

sofrem com as grades invisíveis com as quais o cárcere de seus filhos, irmãos, esposos e companheiros limitam-nas no dia-a-dia”.

Prestes ressalta que os impactos do encarceramento sobre essas mulheres são multifacetados:

“os efeitos adversos que o encarceramento de seus entes lhes provoca ocorre nas mais diversas vertentes de suas vidas: desde a sua saúde e bem-estar, que estão intimamente relacionados às precárias condições econômicas a que são submetidas após o chefe da família ser preso; até mesmo às dores psíquicas advindas da ausência do ser amado no contexto familiar”. (PRESTES, 2019, p. 53)

Além disso, o estigma que recai sobre essas mulheres é permeado por um discurso que as reduz ao papel de meras acompanhantes, ignorando a complexidade de suas realidades. Conforme aponta a autora, “apesar de seus companheiros, filhos e irmãos terem trilhado o rumo da criminalidade, estas não optaram pela mesma vida, e estão ali, visitando seus entes, simplesmente por amor” (PRESTES, 2019, p. 53).

6.2 Ascensão do tema na imprensa e redes sociais

Se, durante décadas, as mulheres de presos permaneceram à margem das discussões públicas e midiáticas, nos últimos anos esse cenário começou a se transformar. A realidade dessas mulheres, marcada por estigmas, sacrifícios e invisibilidade, tem ganhado um espaço nas redes sociais e no debate público, provocando reflexões sobre o impacto do sistema carcerário para além das grades.

No Ceará, a imprensa local, como Diário do Nordeste¹ e O Povo², já pautaram algumas das dificuldades enfrentadas pelas famílias dos presos em meio à superlotação e às restrições impostas durante a pandemia de COVID-19, revelando a sobrecarga emocional e financeira que recai sobre as mulheres. No entanto, apesar dessas pautas, muitas mulheres reclamam da falta de oportunidade na mídia tradicional para realmente trazer à tona a realidade vivida por elas.

Nesse contexto de invisibilização na grande mídia cearense, plataformas como Instagram e TikTok se tornaram espaços importantes para essas mulheres contarem suas histórias e romperem com o silêncio. Perfis como @guerreirasdoceara e

¹ [Internos do sistema prisional no Ceará voltam a receber visitas: confira critérios para entrada](#)

² [Familiares reencontram presos em primeiro dia de visita no sistema prisional do Ceará após suspensão na pandemia](#)

@liberdadepromeuamor reúnem relatos e vivências da rotina de visitas nas unidades prisionais, ajudando a ampliar as vozes dessas mulheres.

7 REFERENCIAL TEÓRICO

7.1 Jornalismo de defesa (advocacy journalism)

Segundo Morris Janowitz (1975 apud Waisbord, 2009), o jornalismo de defesa, ou advocacy journalism, funciona como uma prática na qual os jornalistas atuam como intérpretes e participantes ativos na comunicação social, amplificando vozes marginalizadas.

Para que a imprensa funcione eficazmente como uma plataforma para a manifestação dos interesses dos cidadãos, ela precisa cultivar e manter vínculos fortes com a sociedade civil. Esta é uma condição fundamental para que a imprensa possa alimentar a cidadania, cobrir perspectivas múltiplas, relatar as questões que afetam uma ampla diversidade de públicos e facilitar o diálogo civil e a participação dos cidadãos. (WAISBORD, 2009, p. 01).

De acordo com Waisbord (2009, p. 04), os estudos têm documentado “o fato de que a imprensa raramente faz cobertura das questões civis e oferece perspectivas estreitas, particularmente nos assuntos que afetam as populações socialmente excluídas”. Ainda, segundo Waisbord (2009, p. 02), a mídia tende a priorizar temas que interessam aos grupos detentores de poder, às fontes tradicionais de informação e ao público urbano com maior poder aquisitivo. Ao mesmo tempo, evita abordar assuntos que possam desagradar autoridades governamentais ou grandes anunciantes.

O jornalismo de defesa cívica tem como objetivo empoderar grupos marginalizados, promovendo a conscientização da sociedade e impactando as discussões políticas. No entanto, como aponta Waisbord (2009, p. 04), “a imprensa tipicamente deixa de trazer perspectivas diferentes, particularmente a visão das populações que são diretamente afetadas pelos problemas sociais, para promover o diálogo sobre os problemas e as soluções”. O jornalismo de defesa cívica, nesse contexto, surge como uma ferramenta essencial para criar espaços de escuta e reconhecimento de suas vivências, o que pode contribuir para ressignificar suas identidades, além de problematizar as violências estruturais que enfrentam diariamente.

Dessa forma, o documentário retratado neste relatório teve como intenção inserir as vozes dessas mulheres no meio acadêmico e social, ampliando sua representatividade no debate público.

8 METODOLOGIA

Neste tópico, são discutidas as reflexões sobre a produção do documentário, incluindo a decisão por esse formato como meio de expressão do trabalho, as etapas percorridas durante a produção e os detalhes técnicos que a envolveram.

8.1 Documentário audiovisual

O formato escolhido neste trabalho é o audiovisual. O principal foco é apresentar as histórias de vida, subjetividades e identidades das mulheres de presos de Itaitinga, articulando elementos da memória e do cotidiano dessas personagens. Aqui, compreende-se que o documentário permite que uma história seja compartilhada pelas pessoas que dela participaram, retratando acontecimentos que marcaram suas vidas e como estes são refletidos na realidade ao qual estão inseridas.

Segundo Soares (2007), “documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas deste realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da ideia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por uma consciência subjetiva”. Soares ainda destaca que:

O processo de seleção se inicia já na escolha do tema, desse pedaço de mundo a ser investigado e trabalhado na forma de um filme documentário. Continua com a definição dos personagens e das vozes que darão corpo a essa investigação. Inclui ainda a escolha de locações e cenários, a definição de cenas, sequências, até chegar a uma prévia elaboração dos planos de filmagem, dos enquadramentos, do trabalho de câmera e som, entre outros detalhes técnicos que podem contribuir para a qualidade do filme. Ao término desse percurso, o cineasta terá adquirido noção mais precisa das potencialidades de seu projeto (SOARES, 2007, p. 21).

No caso do documentário *Nome Próprio - Vozes e Identidades das Mulheres de Presos de Itaitinga*, a abordagem adotada é predominantemente participativa, conforme a classificação de Nichols (2005), pois busca engajar diretamente as personagens em suas narrativas, permitindo que suas vozes e experiências sejam o fio condutor da história. Além disso, o trabalho também incorpora elementos do modo observativo, ao retratar o cotidiano dessas mulheres e como elas lidam com os desafios impostos pelo encarceramento de seus familiares. Segundo Nichols (2005), o modo observativo “ênfatiza o engajamento direto no cotidiano das pessoas que representam o tema do cineasta”.

Outro aspecto relevante do formato documentário é a flexibilidade no processo de roteirização. Como destaca Soares (2007, p. 22), “a principal dúvida nasce do fato de que nem todos os roteiros de documentário se assemelham a um típico roteiro de filme de ficção”. No caso deste documentário, o roteiro foi construído de forma dinâmica, com base nas entrevistas e nas experiências vividas pelas personagens durante as filmagens. Sobre a construção do roteiro, o autor Sérgio Soares diz que:

“[...] ficará abolida a obrigatoriedade da escrita de um roteiro no período de pré-produção. Falar em roteiro, agora, só terá sentido na etapa de pós-produção do filme. O filme será resultado de um árduo trabalho de montagem, que será feita valendo-se de muito material filmado”. (SOARES, 2007, p.22)

Essa abordagem permitiu que o documentário capturasse a autenticidade das narrativas, respeitando a complexidade e a singularidade de cada história. Dessa forma, o documentário *Nome Próprio - Vozes e Identidades das Mulheres de Presos de Itaitinga* buscou não apenas retratar a realidade dessas mulheres, mas também problematizar as estruturas sociais que as marginalizam, utilizando o audiovisual como ferramenta de denúncia e transformação social.

8.2 Escolha do nome do documentário

A escolha do título para o documentário foi um processo reflexivo e desafiador, que demandou meses de discussão e análise. Inicialmente, buscamos um nome que pudesse generalizar e representar todas as mulheres de presos de Itaitinga, de modo a capturar a essência coletiva de suas experiências. Durante essa fase, consideramos termos como “guerreiras”, inspirados no perfil do Instagram “Guerreiras de Itaitinga”, onde essas mulheres compartilham suas vivências e apoiam umas às outras. Esse termo, embora carregasse uma

conotação de resistência e força, ainda não parecia abarcar a complexidade e a individualidade das histórias que desejávamos contar.

Outra proposta considerada foi o termo "cunhadas", inspirado em uma trend³ que viralizou no TikTok no ano passado, na qual mulheres de presos compartilhavam suas rotinas, roupas de visita e detalhes de suas vidas, muitas vezes com um tom de glamourização e romantização. Apesar da popularidade do termo e de sua aparente capacidade de unificar essas mulheres sob uma identidade comum, ao irmos a campo e conversarmos diretamente com nossas personagens, percebemos que o termo "cunhadas" não ressoava bem entre elas. As três mulheres entrevistadas expressaram desconforto com o termo, afirmando que não se identificavam com ele e que ele não representava suas experiências reais.

Esse momento foi crucial para a equipe, pois evidenciou que a busca por um nome que generalizasse essas mulheres estava, na verdade, indo na contramão do objetivo central do documentário: contar as histórias de vida dessas mulheres como indivíduos, destacando suas identidades e subjetividades para além de seus papéis como esposas ou parceiras de presos. Foi então que surgiu a ideia de "Nome Próprio - Vozes e Identidades das Mulheres de Presos de Itaitinga". O título reflete a intenção de dar visibilidade às histórias pessoais e únicas dessas mulheres, reconhecendo-as como sujeitos com nomes, vozes e identidades próprias, e não apenas como figuras associadas ao encarceramento de seus familiares.

O nome escolhido busca, portanto, romper com a tendência de homogeneização e estigmatização que frequentemente envolve essas mulheres, destacando-as como indivíduos com trajetórias, sonhos e lutas particulares. Ao optar por "Nome Próprio", o documentário reforça seu compromisso com a valorização das narrativas pessoais e com a desconstrução de estereótipos, oferecendo uma perspectiva mais humana e profunda sobre as vidas dessas mulheres.

8.3 Produção

O processo de planejamento e produção do documentário foi organizado em etapas sequenciais de forma estratégica, abrangendo um período de seis meses, de outubro de 2024 a março de 2025. A organização do fluxo de trabalho foi fundamental para o cumprimento dos prazos e para a entrega do produto final com qualidade. Por se tratar de um trabalho em trio, a

³ Uma trend do TikTok refere-se a um conteúdo viral que se populariza rapidamente na plataforma, geralmente envolvendo desafios, danças, músicas, hashtags ou formatos de vídeo específicos que são replicados por milhões de usuários. Essas tendências são impulsionadas pelo algoritmo da plataforma, que prioriza conteúdos engajantes e de fácil compartilhamento, criando um fenômeno cultural de grande alcance e impacto.

execução das ações aconteceu de forma compartilhada entre a equipe, com exceção de demandas que exigiam habilidades mais técnicas e que foram divididas e desempenhadas de acordo com as habilidades de cada membro. Semanalmente, eram realizadas reuniões para atualização do status das demandas e definições dos próximos passos.

As fases da produção contemplaram desde demandas mais teóricas, como a ideação da proposta temática, estado da arte e definição de objetivos, até execuções práticas, como as entrevistas de pesquisa, visitas de campo, captações, estruturação do roteiro e edição. Abaixo está a primeira versão da nossa tabela de planejamento macro:

Figura 1 - Cronograma de execução (Excel)

PLANEJAMENTO MACRO - DOCUMENTÁRIO						
Etapas	Meses					
	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março
Revisão de literatura e fichamentos	X					
Levantamento de fontes personagem		X				
Realização de entrevistas de pesquisa (fontes personagem)		X				
Seleção final de fontes personagem		X				
Realização de entrevistas de filmagem (fontes personagem)			X	X		
Visita de campo às unidades prisionais			X	X		
Seleção de fontes oficiais			X			
Realização de entrevistas de filmagem (fontes oficiais)				X		
Organização dos dados coletados em entrevistas				X		
Elaboração do roteiro de edição					X	
Registro de referências e direcionamentos audiovisuais	X					
Criação da identidade visual		X				
Finalização da edição					X	
Redação do relatório					X	
Revisão e redação final					X	
Entrega do trabalho à banca					X	
Defesa do trabalho						X

Fonte: Antonio Felix, Déborah Moraes e Letícia Farias

8.4 Visitas e gravações

O processo de campo foi dividido em três etapas: pré-entrevistas, entrevistas em profundidade e observação das personagens⁴.

8.4.1 Entrevistas com Jamila

- **16 de novembro de 2024:** realizamos a pré-entrevista com Jamila em sua residência, marcando o início de nosso processo. Ela compartilhou sua trajetória pessoal e sua relação com o sistema prisional. Ao final, formalizamos o convite para sua participação no documentário e solicitamos sua ajuda com indicação de outras fontes.

⁴ As personagens Jamila, Rebecka e Paula serão apresentadas e analisadas em detalhes no capítulo 9 deste trabalho.

- **15 de dezembro de 2024:** conduzimos a entrevista em profundidade, baseada nas questões levantadas na pré-entrevista. Jamila narrou suas experiências no sistema prisional, o processo de gravidez e a relação com seu esposo encarcerado. O encontro foi marcado por momentos de grande emoção, sendo um diálogo fundamental para a construção de uma narrativa sensível e respeitosa.
- **13 de fevereiro de 2025:** acompanhamos e filmamos um culto no "quintal da bênção", espaço simbólico de sua casa, onde Jamila reúne familiares e amigos para orações semanais. Esse momento representa sua transformação pessoal e fortalecimento espiritual. Durante a cerimônia, ela se emocionou ao refletir sobre as dificuldades enfrentadas e sobre o papel da fé e da comunidade em sua jornada.

8.4.2 Entrevistas com Rebeka

- **30 de novembro de 2024:** realizamos a pré-entrevista com Rebeka em sua residência, optando por uma conversa espontânea e informal. Rebeka nos trouxe uma visão mais dura e realista sobre sua experiência com o sistema prisional e seus problemas de saúde.
- **12 de janeiro de 2025:** acompanhamos Rebeka em uma visita ao sistema prisional de Itaitinga, saindo de sua casa nas primeiras horas da manhã. Mesmo debilitada por conta de sua doença, ela se posicionou na fila sem pedir prioridade. Após o encontro, o desgaste físico de Rebeka foi visível e preocupante. No trajeto de volta, Rebeka relatou as dificuldades com novas regras da unidade, como a remoção de extensões de cílios e unhas, causando desconforto e confusão entre as visitantes.
- **18 de janeiro de 2025:** realizamos a entrevista em profundidade com Rebeka, em sua casa. Ela compartilhou detalhes sobre sua rotina de visitas ao esposo encarcerado, revelando os desafios impostos pela miastenia, doença que compromete sua mobilidade e agrava o cansaço físico. Seu relato forneceu uma visão rica sobre como sua condição afeta sua relação com o sistema prisional e a adaptação às limitações diárias impostas pela doença.

8.4.3 Entrevistas com Paula

- **7 de dezembro de 2024:** realizamos a pré-entrevista com Paula, que compartilhou sua experiência como companheira de um homem encarcerado, destacando também

sua trajetória pessoal. Esse encontro formalizou seu convite para o documentário, tornando-a nossa terceira fonte.

- **15 de dezembro de 2024:** acompanhamos Paula em uma visita ao sistema prisional, registrando seus preparativos, que incluíam cabelo, maquiagem e a escolha cuidadosa de roupas e perfume. Esse ritual refletia o significado simbólico da visita. No local, Paula enfrentou uma longa espera e tensão devido ao atraso na liberação dos visitantes, além de perder sua chamada por senha, o que prolongou ainda mais seu tempo na fila.
- **18 de janeiro de 2025:** realizamos a entrevista em profundidade com Paula na praça Luíza Távora, em Fortaleza, local escolhido por ela por se sentir mais à vontade. Ela detalhou os impactos do encarceramento do esposo em sua vida, incluindo o adiamento da faculdade, e compartilhou a memória de suas fotos de formatura, realizada naquela mesma praça, simbolizando sua superação e resistência diante das adversidades.

8.5 Aspectos técnicos

Todas as imagens do documentário “Nome Próprio” foram gravadas exclusivamente por celulares. Para as entrevistas, material bruto principal da produção, o aparelho utilizado foi um Iphone 15 Pro Max; já para as imagens de apoio, utilizamos um Iphone 11. A escolha de dispositivos móveis para captação reflete o experimentalismo da produção e a expectativa de criar um documentário utilizando equipamentos acessíveis e portáteis, sem abrir mão da qualidade técnica e narrativa. Além disso, a mobilidade dos celulares trouxe mais flexibilidade para as gravações e também proporcionou mais intimidade com as fontes por serem menos intrusivos do que as câmeras profissionais tradicionais. Para captação de áudio foram usados 2 (dois) microfones de lapela sem fio: durante as 3 (três) primeiras gravações utilizamos um Hollyland Lark e posteriormente um BRIWAX. No suporte para a câmera, utilizamos um tripé para a gravação de cenas imóveis e um gimbal estabilizador M01 3-AXIS da marca Peining para a captação de cenas móveis.

8.5.1 Armazenamento

O conteúdo captado, fotografias e materiais de arquivo foram armazenados inicialmente no Icloud, pela segurança de ter os arquivos na nuvem de fácil acesso e pela

facilidade das imagens terem sido captadas por celulares que usam o mesmo software. Somente ao iniciar o processo de montagem, todos os materiais citados foram transferidos para o notebook utilizado na edição. Além disso, também foi utilizada a plataforma Google Drive, para armazenamento de conteúdos mais simples e de modo compartilhado, como atas de reuniões, resumos de pesquisas e leituras, arquivos de planejamento e roteiros. No total, reunimos mais de 8 horas de conteúdo bruto captado em vídeo e mais 55 GB de material.

9 APURAÇÃO

9.1 Fontes

A seleção das fontes para a produção do documentário dividiu-se em duas categorias: **Fontes Personagens e Fontes Oficiais**. Essa divisão permitiu uma abordagem abrangente e diversificada, garantindo a representatividade de diferentes perspectivas sobre o tema investigado. A seguir, detalhamos o processo de escolha e contato com cada uma dessas fontes.

9.1.1 Fontes Personagens

As Fontes Personagens foram selecionadas a partir da análise do perfil @guerreirasdoceara no Instagram, que possui 55,8 mil seguidores e atua como espaço de apoio a mulheres de presos. Durante a observação das interações no perfil, identificamos Jamila, uma usuária que se destacava pela liderança, coordenação de atividades e acolhimento às demais mulheres.

Realizamos o primeiro contato com Jamila por meio de uma mensagem direta (DM), na qual apresentamos os objetivos da pesquisa e o interesse em entrevistá-la. Ela respondeu de forma receptiva, e foi marcada uma pré-entrevista para esclarecimentos sobre o documentário.

A partir desse contato, solicitamos que Jamila indicasse outras mulheres que pudessem contribuir com a pesquisa. Assim, conhecemos Rebeka e Paula, que também aceitaram participar. Essas três mulheres tornaram-se as principais Fontes Personagens, oferecendo relatos pessoais e experiências relevantes para o documentário.

9.1.1.1 Primeira Fonte

Jamila Kellen, 38 anos, costureira e mãe de quatro filhos, que há 17 anos visita seu companheiro, atualmente preso na CPPL 3. Sua longa experiência no sistema prisional a levou a conhecer todas as CPPLs devido às transferências frequentes do marido. Jamila é uma líder ativa em movimentos sociais, participando de grupos como Guerreiras do Ceará, MOVIPECE e Pastoral Carcerária, onde acolhe familiares de presidiários em situação de vulnerabilidade, oferecendo apoio material e emocional.

Evangélica, Jamila promove cultos semanais em sua casa, reunindo diversos familiares de presos. Sua fé e engajamento comunitário são pilares de sua resistência. Ela mantém um forte posicionamento crítico, denunciando as falhas e abusos do sistema penitenciário. No entanto, sua militância ativa a coloca em risco de retaliações, que podem afetar diretamente o tratamento do marido no presídio.

Atualmente, Jamila está com a visita suspensa até março de 2025 devido a uma infração. Sua história pessoal inclui momentos marcantes, como a gravidez das filhas gêmeas durante uma visita íntima ao marido na prisão.

9.1.1.2 Segunda Fonte

Rebeka Sousa, 23 anos, é dona de casa e mãe de Ísis, de 3 anos, e Ayla, de 6 meses. Desde a prisão do companheiro, há um ano, enfrenta dificuldades financeiras e problemas de saúde, tendo passado toda a segunda gravidez sozinha.

Com miastenia, uma doença neuromuscular autoimune que causa fraqueza muscular e exige medicação contínua, necessita de cuidados constantes. No parto de Ayla, passou meses internada, incluindo um período na UTI. Sem renda fixa, deixou de trabalhar como vendedora online e voltou a morar com a mãe.

Além da ausência do companheiro, lida com o luto pela perda do primeiro marido e pai de Ísis, seguida, poucos meses depois, pela morte de seu próprio pai. Atualmente, concilia os cuidados com as filhas, sua saúde e as visitas ao presídio.

9.1.1.3 Terceira Fonte

Paula Assunção, 37 anos, é cuidadora de idosos e estudante do curso técnico em enfermagem. Mãe de dois filhos de um relacionamento anterior, há oito meses visita seu atual

companheiro, preso na CPPL 3, com expectativa de progressão para o regime aberto em 2025.

A prisão do marido, ocorrida um dia após seu aniversário, interrompeu sua formação – embora tenha feito as fotos e pago pela formatura, não conseguiu concluir o curso. Após o ocorrido, se desentendeu bastante com sua família e saiu de casa, encontrando abrigo primeiro com uma amiga e, depois, com a sogra. Para assegurar o direito de visita, precisou formalizar a união estável.

Hoje, usa o Instagram para divulgar produtos voltados para mulheres que visitam presídios, criando uma rede de apoio e troca entre aquelas que vivem essa realidade.

9.1.2 Fontes Oficiais

As Fontes Oficiais foram escolhidas com base nas informações e indicações fornecidas pelas Fontes Personagens durante as entrevistas. As personagens citaram instituições públicas que atuam diretamente na administração penitenciária e na defesa dos direitos humanos de pessoas em situação de privação de liberdade. Dentre as instituições mencionadas, destacam-se:

- Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização do Estado do Ceará (SAP);
- Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (CDHC);
- Núcleo Especializado de Execução Penal da Defensoria Pública do Estado do Ceará (NUDEP).

Para garantir a representatividade e a credibilidade das informações, optamos por entrevistar representantes de alto escalão dessas instituições. Os entrevistados oficiais selecionados foram:

- Luís Mauro Albuquerque Araújo, Secretário da SAP;
- Renato Roseno, Deputado Estadual e Presidente da CDHC;
- Nelie Aline Marinho, Defensora Pública do NUDEP.

Esses profissionais foram contatados por meio de solicitações formais, nas quais explicamos os objetivos do documentário e a relevância de suas contribuições para a pesquisa. Todos demonstraram disponibilidade para participar, enriquecendo o trabalho com dados técnicos, informações institucionais e análises especializadas.

9.2 Locais das entrevistas

Os locais das entrevistas foram definidos de acordo com a disponibilidade e preferência das entrevistadas, priorizando ambientes de maior familiaridade e conforto para as fontes. No caso das Fontes Personagens, as entrevistas foram realizadas presencialmente em suas residências, na fila de visita da Unidade Prisional de Itaitinga e em uma praça pública.

Em relação às Fontes Oficiais, a entrevista com o Secretário da SAP foi conduzida presencialmente na sede do órgão. Já as entrevistas com os representantes da CDHC e do NUDEP foram realizadas de forma remota, por meio da plataforma Google Meet, devido à disponibilidade e logística dos entrevistados.

9.3 Imagens de apoio

O processo de captação das imagens de apoio aconteceu de forma sutil. Durante as entrevistas, enquanto a fonte estava sendo gravada por uma câmera principal imóvel, era utilizado outro aparelho móvel para a gravação de planos secundários e detalhes presentes no ambiente de gravação, seja ele interno ou externo. Nas captações realizadas durante os dias de visita no Complexo Penitenciário de Itaitinga, buscamos mostrar os detalhes característicos daquele acontecimento, como as filas, interações das pessoas nas barracas do entorno e o fluxo dos veículos na BR.

10 ESTRUTURA DO ROTEIRO

Para a elaboração do roteiro, o eixo central foi demarcado pelas entrevistas em profundidade realizadas com as mulheres e as captações das visitas, que trouxeram relatos efetivos e memórias sobre suas histórias, além de denúncias e detalhes sobre o sistema penitenciário. As fontes oficiais foram complementos que conferiram respaldo técnico e

enriqueceram a narrativa. O roteiro foi elaborado a partir de oito blocos sequenciais como apresentado abaixo:

Tabela 1 - Blocos do documentário



NOME PRÓPRIO: VOZES E IDENTIDADES DAS MULHERES DE PRESOS DE ITAITINGA (Documentário)	
Bloco	Duração aproximada
<p>BLOCO 1 - Introdução Introdução com apresentação das personagens através de falas chave e apresentação do tema e título do documentário.</p>  <p>Figura 2: Imagem de apoio da personagem Jamilla 1 (bloco 1)</p>  <p>Figura 3: Letreiro de apresentação da personagem Rebeka (bloco 1)</p>	~03min



Figura 4: Letreiro de apresentação do título do documentário (bloco 1)

BLOCO 2 - O início da jornada

Este bloco apresenta o início da trajetória das personagens no sistema prisional, destacando os principais desafios e impactos emocionais decorrentes da prisão de seus companheiros.



Figura 5: Imagem de apoio da personagem Paula indo à visita (bloco 2)

~03min

BLOCO 3 - Preconceitos e estigmas

Após compartilharem sobre o início das suas jornadas no sistema prisional, este bloco aborda os preconceitos e estigmas enfrentados pelas personagens na sociedade. Através de relatos emocionais, elas expõem barreiras sociais e julgamentos que impactam suas vidas e narram a busca por ressignificação de suas identidades.

~03min



Figura 6: Imagem de apoio da personagem Jamilla 2 (bloco 3)



Figura 7: Rebeka fala sobre os preconceitos e estigmas (bloco 3)

BLOCO 4 - Dias de visita

Este bloco traz a dinâmica dos dias de visita no sistema prisional sob a perspectiva de diferentes personagens. Através de cenas e relatos, é exposto como as mulheres se preparam, qual o trajeto e as emoções e dificuldades envolvidas nesses momentos. Além de refletir sobre a importância das visitas para manter os laços afetivos e a esperança.

~08min



Figura 8: Paula se arrumando para um dia de visita (bloco 4)



Figura 9: Rebeka indo para a visita (bloco 4)



Figura 10: Fila na entrada do Complexo Penitenciário de Itaitinga (bloco 4)

BLOCO 5 - Denúncias

As queixas e denúncias sobre o sistema carcerário no Ceará são o foco deste bloco, como os problemas que as mulheres relatam durante os dias de visita, a ausência das visitas íntimas e restrição na entrega de malotes. As vozes das mulheres são complementadas por entrevistas com a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, o Núcleo de Execuções Penais (NUDEP) da Defensoria Pública e a Secretaria de Administração Penitenciária e de Ressocialização, trazendo respostas institucionais aos desafios relatados.



Figura 11: Jamilla citando queixas sobre o sistema prisional (bloco 5)

~15min



Figura 12: Renato Roseno, presidente da Comissão de Direitos Humanos e Cidadania (bloco 5)

BLOCO 6 - Grupos e comunidades

A união e apoio mútuo entre as mulheres ganham destaque neste bloco, que mostra grupos e movimentos criados por elas. Com cenas de uma noite de oração na casa de uma das personagens e a apresentação de comunidades nas redes sociais, o bloco revela facetas que representam e pilares de resistência para essas mulheres, como a espiritualidade e a força coletiva.

~06min



Figura 13: Oração no “Quintal da bênção”, casa da personagem Jamilla (bloco 6)



Figura 14: Imagem de arquivo da personagem Jamilla em manifestação (bloco 6)

BLOCO 7 - Sonhos e expectativas

Com o intuito de abordar as perspectivas de futuro, as personagens compartilham seus sonhos e revelam as esperanças de reconstrução, reintegração e novas oportunidades. Através de relatos emocionais, o bloco destaca a resiliência e a capacidade de projetar um futuro melhor.



Figura 15: Imagem de apoio Paula (bloco 7)

~03min

BLOCO 8 - Espaço de fala

O documentário se encerra com uma reflexão promovida por uma das personagens: a necessidade de ampliar os espaços de fala para mulheres de presos. Através de um posicionamento que destaca essa expectativa, o bloco convida o público a refletir sobre tudo que foi assistido até aqui e sobre a importância de amplificar essas histórias que muitas vezes permanecem invisíveis.



Figura 16: Jamilla se emociona ao falar sobre as expectativas para o futuro (bloco 8)

~02min

CRÉDITOS DE ENCERRAMENTO

Fonte: Antonio Felix, Déborah Moraes e Letícia Farias

11 EDIÇÃO/PÓS-PRODUÇÃO

A edição do documentário foi feita no programa Adobe Premiere Pro e ficou sob responsabilidade de um membro específico da equipe (Antonio Felix). Para facilitação do processo de edição, inicialmente todos os arquivos de vídeo foram renomeados utilizando um padrão textual de identificação, em seguida organizados em pastas dedicadas a cada fonte e só então importados no software de edição.

Figura 17 - Exemplo de pasta com arquivos organizados

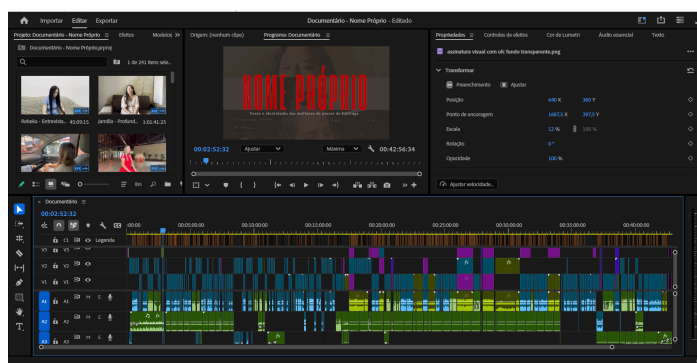


Fonte: Antonio Felix, Déborah Moraes e Leticia Farias

O processo de montagem seguiu os direcionamentos da roteirização e a edição dos 8 blocos aconteceu sequencialmente. Em princípio, a prioridade era apenas montar os blocos e fazer os recortes necessários para só depois começar um tratamento mais detalhista.

Para garantir a organização da timeline de edição, foi utilizada uma estratégia de tratamento por etapas, seguindo essa ordem: 1. Vídeos e áudios de entrevistas; 2. Imagens de apoio; 3. Transições e efeitos de vídeo; 4. Trilha sonora; 5. Efeitos sonoros; 6. Imagens de arquivo e inserções; 7. Camada de ajustes de cor; 8. Lettering e grafismos; 9. Legendas e créditos.

Figura 18 - *Timeline* de edição no Adobe Premiere



Fonte: Antonio Felix, Déborah Moraes e Leticia Farias

Ao finalizar a edição, o documentário totalizou 43 minutos, foi renderizado e exportado para o notebook e fizemos upload na pasta compartilhada do Google Drive.

12 IDENTIDADE VISUAL

12.1 Tipografia

A escolha da tipografia para o documentário Nome Próprio - Vozes e Identidades das Mulheres de Presos de Itaitinga foi um processo cuidadoso, que considerou tanto aspectos estéticos quanto conceituais, alinhados à temática e à mensagem que desejamos transmitir. A fonte principal, Extenda, e a fonte secundária, FH Ronaldson, foram selecionadas para criar um contraste harmonioso e significativo, reforçando a narrativa visual do projeto.

A Extenda, uma fonte sem serifa, alongada, condensada e utilizada sempre em caixa alta, foi escolhida como fonte principal por sua capacidade de evocar visualmente a imagem das grades de uma cela de presídio. Essa metáfora visual é central para o documentário, pois reflete a ideia de que, embora as mulheres de presos não estejam fisicamente encarceradas, elas vivem sob uma espécie de "prisão simbólica" que limita suas liberdades e oportunidades e as confina a um espaço social marginalizado. Além disso, o uso de caixa alta reforça a ideia de uma voz que precisa ser ouvida, uma identidade que precisa ser reconhecida.

Figura 19 - Tipografia “Extenda”



Fonte: Antonio Felix, Déborah Moraes e Letícia Farias

Já a FH Ronaldson, uma fonte serifada clássica e elegante, foi escolhida como fonte secundária para o corpo de texto do documentário. Sua estrutura tradicional e legível complementa a modernidade e o impacto visual da Extenda, criando um equilíbrio entre o impacto conceitual da fonte principal e a clareza necessária para a leitura de textos mais longos. A serifa da FH Ronaldson adiciona um toque de humanidade e profundidade,

remetendo à ideia de histórias pessoais e narrativas que precisam ser contadas com sensibilidade e respeito.

Figura 20 - Tipografia “FH Ronaldson”



Fonte: Antonio Felix, Déborah Moraes e Letícia Farias

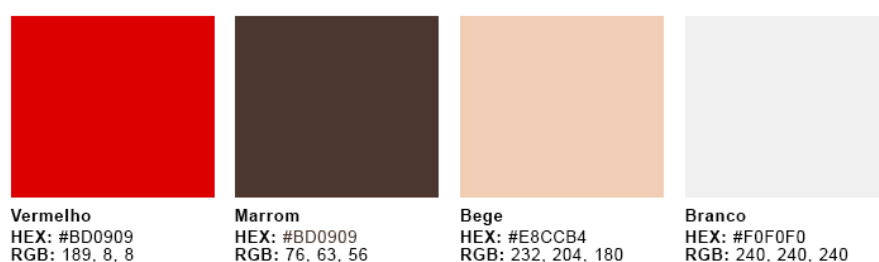
A combinação dessas duas fontes cria um diálogo visual que reflete a dualidade presente no documentário: a tensão entre a prisão simbólica e a busca por liberdade, entre o estigma social e a luta por reconhecimento. Enquanto a Extenda 20 Micro chama a atenção para as barreiras invisíveis que cercam essas mulheres, a FH Ronaldson oferece um contraponto humanizado, destacando a importância de suas histórias individuais e a necessidade de ouvi-las com empatia e atenção.

12.2 Paleta de cores

A seleção das cores do documentário foi pensada para reforçar os temas centrais da narrativa, conectando-se às emoções e significados presentes nas histórias das personagens. A paleta é composta por tons que simbolizam força, resistência, humanidade e esperança.

O vermelho profundo, cor predominante, simboliza paixão, força e resistência, refletindo a luta das mulheres. O marrom escuro remete à realidade e estabilidade, enquanto o bege traz suavidade, humanidade e vulnerabilidade. O branco suave representa resiliência e esperança, completando a paleta com um contraponto otimista.

Figura 21 - Paleta de cores



Fonte: Antonio Felix, Déborah Moraes e Letícia Farias

Figura 22 - Exemplo de aplicação da paleta de cores no documentário



Fonte: Antonio Felix, Déborah Moraes e Leticia Farias

Figura 23 - Modelos de pôsteres para divulgação do documentário



Fonte: Antonio Felix, Déborah Moraes e Leticia Farias

12.3 Grafismos e *lettering*

Os grafismos foram utilizados principalmente para a apresentação de contextos e em trechos de entrevistas com fontes oficiais, que aconteceram online. Para simular um ambiente de videoconferência e chamada telefônica, utilizamos recursos de design da plataforma

Adobe Photoshop para criar telas que contextualizam a entrevistas, garantindo que os espectadores compreendessem o formato das interações. Também utilizamos os mesmos métodos para criar telas de apoio para a apresentação de imagens de arquivo das fontes.

Figura 24 - Exemplo de aplicação de design no documentário 1



Fonte: Antonio Felix, Déborah Moraes e Letícia Farias

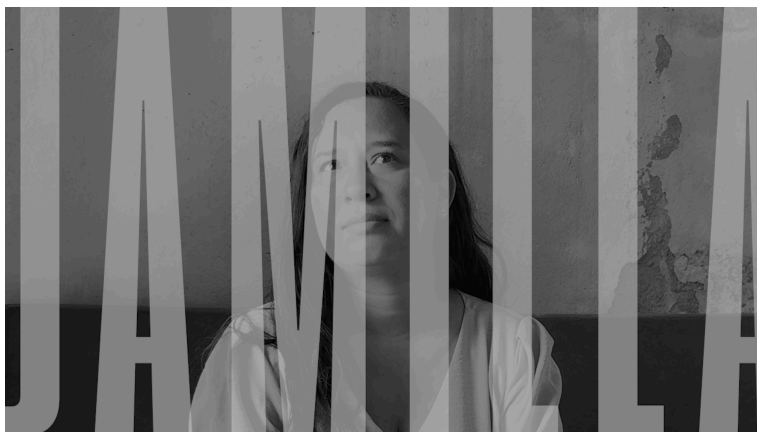
O *lettering* foi utilizado especialmente para apresentação de títulos. Para o trecho de exposição do nome do documentário, foi criado um mosaico com imagens das fontes ao fundo, enquanto o título aparecia em *lettering* predominante. Para apresentação das personagens, optou-se por exibir seus nomes próprios em tela cheia, uma decisão visual que buscou valorizar as identidades das personagens, destacando que, apesar de compartilharem contextos semelhantes, suas trajetórias são únicas e cheias de particularidades.

Figura 25 - Exemplo de aplicação de design no documentário 2



Fonte: Antonio Felix, Déborah Moraes e Letícia Farias

Figura 26 - Exemplo de aplicação de design no documentário 3



Fonte: Antonio Felix, Déborah Moraes e Leticia Farias

13 FOTOGRAFIA

Para a captação das entrevistas em profundidade, principal conteúdo do documentário, optamos por gravar em primeiro plano em ângulos que alternam entre frontal e $\frac{3}{4}$ (três quartos). Um detalhamento importante é que em alguns vídeos não utilizamos a regra dos terços e optamos por posicionar as mulheres no centro dos planos, conferindo-lhes um destaque visual que reflete a importância delas na narrativa e reforça a ideia de que suas vozes e histórias são o cerne da produção.

A gravação das imagens de apoio variou a utilização dos planos, mas com uma predominância de planos detalhe para detalhar objetos e partes de pessoas, e planos abertos para cenas em que o ambiente era importante. Durante o processo de edição, os planos de algumas gravações foram alterados para atender as especificidades da narrativa.

14 TRILHA SONORA

A trilha sonora foi elaborada a partir da curadoria de músicas disponíveis na biblioteca de áudios gratuitos “Pixabay”, que dispõe de composições autorizadas para uso em projetos audiovisuais. A seleção das músicas para construção da trilha iniciou pela análise das cenas e pela identificação dos trechos que demandavam suporte musical. As escolhas foram guiadas pelo desejo de reforçar elementos emocionais e narrativos que evocam sentimentalismo, reflexão e esperança. A trilha sonora completa utilizada no documentário contém as seguintes faixas:

1. Legacy 57 - Lightning Traveler

2. Sci-fi Ambiente Music - Yevhenii Kovalenko
3. Documentary Piano - EVGENY

15 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário Nome Próprio - Vozes e Identidades das Mulheres de Presos de Itaitinga buscou, por meio das narrativas das personagens, trazer à tona as histórias de mulheres que, embora não estejam fisicamente encarceradas, vivem sob o peso de uma "prisão simbólica" imposta pelo estigma social e pela exclusão. Ao mostrar as vozes dessas mulheres, o trabalho evidenciou os múltiplos desafios que elas enfrentam, desde a sobrecarga emocional e financeira até a luta por reconhecimento e dignidade em um sistema que as marginaliza.

As histórias compartilhadas no documentário revelam a complexidade das experiências dessas mulheres, que, além de lidar com a ausência de seus familiares encarcerados, precisam enfrentar o preconceito e a falta de políticas públicas que as apoiem. A superlotação do sistema prisional, as condições precárias das unidades e as dificuldades para manter os laços familiares são apenas alguns dos fatores que agravam sua vulnerabilidade. Como destacado por Prestes (2019), essas mulheres são vítimas do mesmo sistema que encarcera seus entes, sendo deixadas à margem das políticas públicas e das discussões sobre justiça social.

A abordagem documental, ao priorizar a participação das personagens e a autenticidade de suas narrativas, permitiu que o filme capturasse a singularidade de cada história, ao mesmo tempo em que problematizou as estruturas sociais que perpetuam a exclusão e a desigualdade.

Por fim, o documentário reforça a necessidade de políticas públicas que considerem as interseccionalidades de gênero, raça e classe social, promovendo a inclusão e a dignidade dessas mulheres. A superação do ciclo de exclusão e violência passa não apenas pela reforma do sistema prisional, mas também pela implementação de medidas que garantam educação, saúde e oportunidades para as famílias dos encarcerados. O trabalho conclui que, enquanto o sistema prisional brasileiro continuar a refletir e perpetuar as desigualdades sociais, as mulheres de presos seguirão carregando o fardo de uma prisão invisível, mas não menos real.

Nosso plano de distribuição do documentário inicia com uma sessão de exibição no “Quintal da Bênção”, espaço de oração na casa da personagem Jamilla, também palco de

gravações. O intuito é reunir as personagens e outras mulheres de presos para um encontro de debate coletivo. Pretendemos também divulgar o evento através do perfil do Instagram “Guerreiras do Ceará”, para ampliar o alcance da iniciativa. Posteriormente, gostaríamos de inscrever o trabalho em editais e premiações, a fim de propagar e fortalecer sua relevância e impacto social. Parte do material também será divulgada em cortes selecionados nas redes sociais, com o objetivo de despertar o interesse do público para a temática abordada.

Mais do que um registro, este trabalho busca desmistificar os estigmas que recaem sobre essas mulheres, oferecendo uma visão mais humana e realista de suas vivências. O jornalismo, enquanto ferramenta essencial para dar visibilidade a grupos marginalizados, exige responsabilidade na construção dessa narrativa. Todo o processo de apuração, entrevistas e edição foi conduzido com ética e sensibilidade, buscando garantir que as histórias fossem contadas sem reforçar estereótipos ou contribuir para mais estigmatização. Nosso compromisso é revelar essas realidades com respeito, contribuindo para uma reflexão mais profunda sobre o tema.

16 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anuário Brasileiro de Segurança Pública / Fórum Brasileiro de Segurança Pública. – 1 (2006). São Paulo: FBSP, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/items/f62c4196-561d-452d-a2a8-9d33d1163af0>. Acesso em: 25 fev. 2025.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Internos do sistema prisional no Ceará voltam a receber visitas; confira critérios para entrada.** Diário do Nordeste, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/amp/internos-do-sistema-prisional-no-ceara-voltam-a-receber-visitas-confira-criterios-para-entrada-1.3128001>. Acesso em: 27 fev. 2025.

DIÁRIO DO NORDESTE. **STF retoma julgamento para entrada de revista íntima em presídios.** Diário do Nordeste, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/pontopoder/stf-retoma-julgamento-para-entrada-de-revista-intima-em-presidios-1.3572536>. Acesso em: 27 fev. 2025.

FEDERICI, Jéssica Fernandes; HUMBELINO, Taynara Morais; SANTOS, Irenilda Angêla. **Mulher de preso: expressões da violência de gênero.** 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/180054/101_00534.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 17 fev. 2025.

G1. População carcerária do Brasil é maior do que a população de 5 mil municípios; 1 em cada 4 presos não foi julgado. G1, São Paulo, 20 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/sp/sao-paulo/noticia/2023/07/20/populacao-carceraria-do-brasil-e-maior-do-que-a-populacao-de-5-mil-municipios-1-em-cada-4-presos-nao-foi-julgado.ghtml> . Acesso em: 27 fev. 2025.

GUERREIRAS DO CEARÁ. Guerreiras do Ceará. Instagram, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/guerreirasdoceara> . Acesso em: 27 fev. 2025.

LEAL, Giuliana Franco. Exclusão social e ruptura dos laços sociais : análise crítica do debate contemporâneo / Giuliana Franco Leal. – Florianópolis : Ed. da UFSC, 2011. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187612/Exclus%C3%A3o%20social%20e%20ruptura%20dos%20la%C3%A7os%20sociais.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 25 fev. 2025.

LIBERDADE JÁ, PRO MEU AMOR. Liberdade Já, Pro Meu Amor. Instagram, 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/liberdade_japromeuamor . Acesso em: 27 fev. 2025.

O POVO. Ceará tem quase 13 mil pessoas que vivem em penitenciárias ou centros de detenção. O Povo, Fortaleza, 6 set. 2024. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2024/09/06/ceara-tem-quase-13-mil-pessoas-que-vivem-em-penitenciarias-ou-centros-de-detencao.html> . Acesso em: 27 fev. 2025.

O POVO. Com nova regulamentação, visita íntima nos presídios volta a ser permitida no Ceará. O Povo, Fortaleza, 16 out. 2024. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2024/10/16/amp/com-nova-regulamentacao-visita-intima-nos-presidios-volta-a-ser-permitida-no-ceara.html> . Acesso em: 27 fev. 2025.

O POVO. Familiares reencontram presos em primeiro dia de visita no sistema prisional do Ceará após suspensão na pandemia. O Povo, Fortaleza, 29 ago. 2020. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2020/08/29/amp/familiares-reencontram-presos-em-primeiro-dia-de-visita-no-sistema-prisional-do-ceara-apos-suspensao-na-pandemia.html> . Acesso em: 27 fev. 2025.

PRESTES, Isabella Maria Pereira. Grades invisíveis: uma pesquisa empírica sobre mulheres de presos, suas dores e demandas. 2019. p. 14. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/24382/Isabella%20Maria%20Pereira%20Prestes.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 17 fev. 2025.

SOARES, Sérgio José Puccini. Documentário e Roteiro de Cinema; da pré-produção à pós produção / Sérgio José Puccini Soares. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.

WAISBORD, Silvio. **A sociedade civil pode mudar o jornalismo? A experiência do jornalismo de defesa civil na América Latina.** Brazilian Journalism Research, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/192/191>. Acesso em: 18 fev. 2025.